

AS TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS QUE INFLUENCIARAM A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL: UM RESGATE DA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA BRASILEIRA

Curitiba – PR – abril 2014

Achiles Batista Ferreira Junior – Centro Universitário Internacional UNINTER –
achiles.f@grupouninter.com.br

Débora Cristina Veneral – Centro Universitário Internacional UNINTER –
debora.v@grupouninter.com.br

Juliane Marise Barbosa Teixeira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
juliane.te@grupouninter.com.br

Nelson Pereira Castanheira – Centro Universtário Internacional UNINTER –
nelson.c@grupouninter.com.br

Investigação Científica

Educação Continuada em Geral

Métodos de Pesquisa em EaD e Transferência de Conhecimento

Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

O presente artigo apresenta um resgate histórico sobre as pedagogias que se estabeleceram no Brasil, suas características, principais difusores e a influência de cada uma delas no atual sistema educacional da sociedade brasileira. A metodologia de pesquisa para esse estudo foi construída através da observação sistemática de fatos e experiências, deduções lógicas e comprovações dedutivas, a partir do histórico profissional dos autores. Num segundo momento busca-se resgatar através deste artigo, os parâmetros educacionais atuais e o cenário ao qual se desenvolveu a intervenção significativa da psicopedagogia, suas práticas segundo a necessidade específica de cada aluno, sempre considerando o desenvolvimento cognitivo e as habilidades determinadas segundo a necessidade de cada forma de utilização terapêutica e de acordo com os distúrbios específicos de aprendizagem e interação, assim como suas relações no cenário social, tecnológico, seu público alvo e sua aceitação frente ao mercado de trabalho, impulsionado pela globalização e a abertura da educação frente à expansão do ensino na modalidade a distância.

Palavras-chave: resgate histórico; fases da educação; tendências pedagógicas; psicopedagogia.

1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais vividas pelo Brasil no último século vêm sendo amplamente exploradas por diversos setores. Certamente, no âmbito da educação, não se pode deixar de fazer tais considerações, mesmo porque estão fundamentadas na educação as principais mudanças histórico-sociais de nossa sociedade. Especificamente nesse trabalho, busca-se uma explanação histórica sobre pedagogias de grande influência no cenário nacional, principalmente pelas suas motivações político-sociais e os fatores que motivaram a propagação da educação a distância no Brasil. Seguramente que as mudanças acarretam impactos, distúrbios e dificuldades e nesse contexto entra em cena a psicopedagogia e suas possibilidades.

A identidade da educação no Brasil vem sendo configurada ao longo das concepções de educação vividas pela sociedade desde os primeiros ensinamentos proferidos em território brasileiro, advinda dos jesuítas que estabeleceram um rígido método pedagógico aos índios, calcados na moral, nos costumes e na religiosidade europeia. Para Lewkovicz, Gutierrez e Fiorentino (2004, p. 15), “Imbuídos do propósito de proteger os indígenas dos colonos e revertê-los à fé cristã, jesuítas e clérigos (...) dedicaram-se à tarefa de catequização nas aldeias”, com objetivos bastante definidos: a educação religiosa e a educação profissionalizante que abrangia o estudo de letras, filosofia e ciências.

Esse sistema perpetuou por aproximadamente 210 anos, quando em 1759, o Marques de Pombal substituiu o foco das escolas de educação com propósitos voltados à igreja, para a escola voltada aos interesses do estado. Mas, até então, as escolas no Brasil eram destinadas aos pobres e só em meados dos séculos XVIII e XIX, com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, é que a educação começa a ser pensada para os ricos. Segundo Piletti (2006, p. 146), “[...] seria necessário formar no Brasil a elite dirigente do país”.

Identifica-se nessa preocupação de escola elitizada os primeiros indícios do rumo traçado ao longo da história da educação no Brasil, se configurando através da divisão de oportunidades educacionais. A necessidade de instruir e preparar a elite do país era latente. Entretanto, a grande massa de alunos advinha da classe a ser dominada e não da classe dominadora e era

preciso pensar nas duas divisões sociais e esses interesses acabaram por delimitar os rumos da educação brasileira.

A metodologia de pesquisa para esse estudo foi construída através da observação sistemática de fatos e experiências, deduções lógicas e comprovações dedutivas, a partir do histórico profissional de magistério, especialmente de magistério na educação a distância, de cada um dos autores. O estudo foi baseado em considerações levantadas a partir de revisões bibliográficas das ações em diversos países, assim como pesquisas em documentos e legislações sobre o assunto, disponíveis na Internet.

2 AS FASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Resquícios religiosos, preocupações de domínio social, educação projetada para o “aprender a conhecer” e não o “aprender a pensar” foram dando forma aos modelos de educação brasileira, baseados em sistemas compartimentados, destituídos de processos investigativos e reflexivos. O mais marcante período da educação brasileira certamente foi o da escola tradicional – baseada na repetição e no método fonético. Para Saviani (2008, p. 47), “a escola tradicional procurava ensinar e transmitir conhecimento” sem preocupações com a prática de pensar e questionar. Bastava reproduzir o que era ensinado, nos moldes julgados adequados pela elite do país. A prática da pedagogia tradicional, que se estendeu até grande parte da metade do século XIX, era baseada na necessidade de adequar a maneira como o professor ensinava às necessidades determinadas pelo grupo social dominante, em contrapartida com a forma como o aluno assimilava essa transmissão.

Acontecimentos como a difusão da cultura cafeeira, seus impactos sociais e culturais, trazendo ao país o progresso econômico através do desenvolvimento industrial, impulsionaram uma transformação significativa no modelo de educação brasileira. Chamado de escolanovismo, a Escola Nova, baseada nas ideias de Jean Piaget, onde o aluno é dirigido pela busca de respostas a partir de seus próprios conhecimentos e relacionamentos com o mundo e com os indivíduos, marcou o cenário da educação do país na primeira metade do século XX, que se mostrava contrária aos métodos da escola

tradicional e dava ênfase ao aprender a aprender sempre vigiado e dirigido pelo docente de acordo com filosofias baseadas na indução do conhecimento.

Um importante marco surge nesse período com a consolidação das escolas públicas no Brasil, tendo Anísio Teixeira como o maior idealizador do processo de democratização e expansão do ensino brasileiro, sendo “um processo em marcha, transformando-se, modificando-se, reconstruindo-se na medida em que o homem opera, nas outras províncias de suas pesquisas, transformações, modificações e reconstruções”. (TEIXEIRA, 2000, p. 166). Anísio Teixeira baseava a reinvenção da educação nas ideias de Jonh Dewey (1859 a 1952), educador americano difusor da escola progressiva americana. Dewey acreditava que o pensamento não poderia existir desarticulado da ação e que os processos da educação devem estar vinculados a qualquer tipo de ação educacional, junção esta essencial para a manutenção das relações sociais, considerando assim que a filosofia da educação deveria ser vista

[...] como a investigadora dos valores mentais e morais mais compreensivos, mais harmoniosos e mais ricos que possam existir na vida social contemporânea, está claro que a filosofia dependerá, como a educação, do tipo de sociedade que se tiver em vista. (TEIXEIRA, 2000, p. 171).

Mas a educação segue estagnada até meados dos anos 60, quando com o golpe militar põe em prática a lei 5.540/68 e o decreto 464/69, impondo a urgente reforma do ensino superior e paralelamente aplicando a lei 5.692/71 que se refere ao ensino primário e ao ensino médio, enquanto obrigatoriedade de ensino, voltando-se para a teoria do capital humano e de suas potencialidades enquanto força de trabalho, cabendo à educação tornar o indivíduo um ser útil à sociedade e principalmente ativo perante a economia do país. Todo processo educacional segue alimentado pela maximização dos efeitos dirigidos aos objetivos da sociedade capitalista e vigiados de perto pelos preceitos militares, empobrecendo conteúdos e enaltecendo técnicas.

Inspirada nas teorias behavioristas, fundamentadas por John Watson, Pavlov e Skinner, que comungavam com os princípios do condicionamento clássico, que nada mais é que a modificação de certos comportamentos com base nos efeitos do estímulo e resposta com o intuito de modelar uma ação, ou uma resposta, eis que se instituiu no Brasil, entre as décadas de 60 e 70, a pedagogia tecnicista com a missão de formar cidadãos competentes e aptos

para o mercado de trabalho. As preocupações com a formação de um indivíduo crítico não eram levadas em consideração, buscava-se a capacidade e a qualidade de produção e para isso o professor precisava especializar-se na sua função técnica para poder dirigir com excelência a aprendizagem.

Começou-se a perceber no Brasil certas tendências progressistas, onde a de maior destaque foi a linha da pedagogia histórico-crítica, que tomou forma ao final dos anos 70, com as ideias de Paulo Freire e seus questionamentos entre a relação homem e meio, fazendo do homem parte do mundo, agindo e interagindo com a sociedade, transformando-a, e não somente espectador. De acordo com Freire (1987, p. 19), “esta superação não pode dar-se, porém, em termos puramente idealistas. (...), vale dizer que (...) somente superam a contradição em que se acham, quando o reconhecer-se oprimidos os engaja na luta por libertar-se.”

Já na psicopedagogia, estão os processos pedagógicos reflexivos em busca de respostas que alinhem as correspondências entre o homem social, o meio e todas as interfaces que essas relações permeiam. Se por um lado Paulo Freire busca a interface do homem e sua realidade, por outro a psicopedagogia se apresenta com um mecanismo dessa interface, pois busca encontrar caminhos para entender como acontece o ensinar e o aprender, seus processos de ligação inseparáveis no contexto didático-pedagógico, suas relações, as implicações e origens do processo ensinar e aprender, sempre com um olhar interdisciplinar e prático entre Pedagogia e Psicologia dentro do universo escolar, observando fatores essenciais como fisiológicos, psicológicos, sociais ou pedagógicos. Para Paulo Freire, essas relações se colocam como um jogo entre

[...] as relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, 1983, p. 149).

Essa afirmação reforça a proposta da psicopedagogia de buscar nas relações possíveis entre teoria e prática, homem-mundo, ação-práxis e pensamento-verbalismo, um caminho que dê conscientização, onde os

educadores e agentes educacionais poderão partir nas suas práticas, de acordo com o real e autêntico significado das origens e das dificuldades psicopedagógicas do receptor, sem cair na dissociação das práticas e didáticas distintas das relações possíveis entre a comunicação e as relações sociais, com o comprometimento real e libertador da transformação social.

No cenário da educação brasileira, a psicopedagogia ganha destaque no texto de Coutinho (2006, p. 107), que a aborda como um elo das relações das práticas escolares, como redentora da transformação escolar. Presente em nosso território desde a década de 60, a psicopedagogia já se estruturava no país com pequenos trabalhos nacionais que se voltavam mais para as deficiências que acarretavam dificuldades na aprendizagem, sem atentar-se aos fatores externos a esses processos. Já na década de 70, a psicopedagogia foi essencial para as escolas e professores que buscavam por ações preventivas e, principalmente, alternativas possíveis para as impropriedades do ensino. (BOSSA, 2000, p. 48-49).

3 A PSICOPEDAGOGIA INTERAGINDO COM A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA DIMINUIR BARREIRAS

A educação a distância – EaD – vive hoje sua quinta geração, fazendo parte das sociedades. A primeira foi marcada pela era da educação por correspondência (imprensa e correios). A segunda, pela difusão de rádio e televisão. A terceira, caracterizada pelas universidades Abertas, a partir de 1970. A quarta, a partir de 1980, utilizou teleconferências por áudio, vídeo e computador. A quinta é marcada por aulas virtuais, baseadas no computador e na Internet. (MOORE, M.; KEARSLEY, G., 1996).

É fato que as Tecnologias da Informação e Comunicação ou TICs, vêm moldando um novo modelo de sociedade e é nesse novo modelo que a EaD vem tomando forma e conquistando seu espaço no cenário educacional brasileiro, deixando de estar marginalizada tanto pela sociedade como pelo mercado de trabalho, que tem ampliando o acesso de profissionais que buscam a capacitação nessa metodologia. Entretanto, a simples inserção das tecnologias nos processos escolares não satisfaz a urgência e a necessidade

da inclusão e ambientação dos alunos nas práticas escolares da era tecnológica vivida pela sociedade, num contexto dinâmico de variedades possíveis em meios de comunicação, sendo inerte à capacidade de compreender e interpretar essas diferentes formas de linguagens. Como em qualquer outro encaminhamento didático, os recursos tecnológicos podem causar estranheza ou deixar de suprir alguma carência de um e/ou grupo de alunos. E quando as dificuldades surgem, entram em cena as intervenções possíveis da psicopedagogia.

Entre muitos recursos disponíveis para a atuação das intervenções psicopedagógicas, o jogo merece considerável destaque, pois, além de trabalhar conceitos significativos no âmbito pontual da intervenção, pode agir como um importante apoio no tocante do desenvolvimento cultural da criança que se permite livremente imitar e reproduzir situações do seu cotidiano. Segundo Dewey (1979, p. 109), as crianças “[...] observam mais atentamente e deste modo fixam na memória e em hábitos, muito mais do que se elas simplesmente vivessem, indiferentemente todo o colorido da vida ao redor”.

Quando analisamos essa inserção às diretrizes tecnológicas da educação, podemos visualizar o quão representativo é o papel da psicopedagogia no cenário escolar e as interações das TIC's nos processos didáticos. A eleição do jogo como recurso da psicopedagogia nesse estudo se deu principalmente baseada em Vygotsky, que entendeu a utilização das ferramentas do jogo como um processo de abordagem menos evasivo, uma vez que culturalmente os jogos infantis e sua ludicidade são diretamente relacionados com a cultura e demais fatores que caracterizam um determinado grupo social e sua utilização dá ênfase à origem do lúdico.

O jogo pode dirigir a apropriação de uma nova informação que se traduzirá em aprendizagem sempre direcionada por um objetivo específico, nesse caso à compreensão e assimilação das TIC's e possibilidades na educação. Através do jogo – e entende-se jogo como qualquer forma lúdica e direcionada de aprendizagem – o professor poderá direcionar a ação do aluno segundo os objetivos da aprendizagem, driblando as dificuldades e vencendo as limitações de aprendizagem e acessibilidade dos alunos.

Para Kishimoto (1983, p. 20), o jogo e a brincadeira fazem parte do processo que minimiza os efeitos negativos das dificuldades de relações entre aprendizagem, didática e ferramentas:

[...] o supervisor procede conforme sua compreensão aquele que aprende a fim de engajá-lo na ação, reproduzindo os graus de liberdade da tarefa aos limites adequados, mantendo a orientação para a resolução de problemas, assinalando características determinantes, controlando a frustração e mostrando possíveis.

Entende-se assim que as práticas de ludicidade podem ser usadas como recurso pedagógico e traduz-se em uma opção válida que é capaz de transformar uma dificuldade em algo possível de reversão, com base na motivação e no planejamento direcionado à dificuldade do aluno, ao mesmo tempo em que trabalha o processo cognitivo, a superação e, ainda, desperte uma sensação de prazer e vontade de continuidade. Na prática da observação desses momentos, o psicopedagogo fará a análise segundo a necessidade específica de cada aluno, podendo analisar as possibilidades e potencialidades existentes, dependentes de sua demanda específica, sempre considerando o desenvolvimento cognitivo e as habilidades determinadas segundo a necessidade de cada forma de utilização terapêutica e de acordo com os distúrbios específicos de aprendizagem e interação.

Cabe dizer que a EaD foi principalmente pensada para levar a educação àqueles que não teriam acesso à mesma pelas formas tradicionais. Entretanto, sua didática é voltada aos amplos recursos técnicos, à proximidade de sistemas organizacionais, pedagógicos e conteudistas, aos sistemas tradicionais, às oportunidades ofertadas pelos aparatos tecnológicos e principalmente à aceitação dos cursos de EaD na sociedade,

[...] pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 1999, p. 12).

Outro fator, igualmente importante, está na diversidade social do Brasil, alinhada a novas políticas públicas sociais que vêm buscando garantir o acesso à educação, à informação e à inserção social, baseados nos recursos da EaD, que são amplos e acessíveis; até mesmo porque, o aluno de EaD não

precisa ter especificamente um computador com Internet em casa, cabendo às unidades de apoio pedagógicos, conhecidas por Polos, ofertarem laboratório de informática em suas unidades.

A expansão da modalidade de EaD tem tomado proporções tão significativas, que nas últimas décadas o formato vem sendo explorado por instituições privadas de renome no país. O acesso às tecnologias de ponta vem ditando as performances e dinâmicas da EaD, buscando cada vez mais formar, atualizar, qualificar, requalificar, reconverter profissionalmente os sujeitos em seu ambiente social.

Para Decca (1982, p.13-14), a única forma de se falar com justiça a respeito da divisão social do trabalho é aceitar a importância da apropriação do saber pelo homem dentro do seu processo de trabalho. E se percebe na EaD a propagação desse propósito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente a sociedade brasileira, assim como as demais sociedades mundiais, foi diretamente influenciada por suas políticas educacionais estabelecidas em função das práticas econômicas e interesses políticos. A história tem nos mostrado que não se domina um povo e sim ele é que deixa dominar-se. Fatalmente a carga de um país colonizado por décadas refletiu na independência social do povo brasileiro. Coincidência ou não, essa estagnação educacional, que perpetuou desde os primeiros ensaios da pedagogia tradicional, impulsionou a adaptação das necessidades pessoais em comum acordo com as necessidades sociais, desencadeando o desenvolvimento e fortalecimento de sistemas alternativos de educação como a EaD.

Alguns dos aspectos mais importantes da EaD giram em torno da democratização do ensino, da sua capacidade de difusão, da sua vertiginosa capacidade de adaptação e exploração das tendências tecnológicas amplamente aceitas pelos mais diversos grupos sociais e nas suas possibilidades. Obviamente que as dificuldades vão surgindo ao logo de sua operação e o resgate das práticas de ludicidade via intervenções psicopedagógicas traduz-se em uma opção válida de caráter transformacional

nas relações entre uma dificuldade e algo possível de reversão, com base na motivação e no planejamento direcionado à dificuldade do aluno, ao mesmo tempo em que trabalha o processo cognitivo, a superação e ainda desperte uma sensação de prazer e vontade de continuidade.

Propor soluções e recursos para minimizar os efeitos das dificuldades de aprendizagem se justifica em qualquer modalidade educacional, entretanto os números da EaD nos mostram a expansão do sistema no Brasil e a importância que essas intervenções causam no sistema.

REFERÊNCIAS

BOSSA, N. A. **Dificuldades de aprendizagem. O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

COUTINHO, Karine Dias. **No descompasso entre escola moderna e sociedade atual: a psicopedagogia entre em cena...** (2006) Proposta de Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006).

DECCA, Edgar de. **O nascimento das fábricas.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** Florianópolis: Perspectiva, 1983.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LEWKOVICZ, Ida; GUTIERREZ, Horácio; FIORENTINO, Manolo. **Trabalho compulsório e trabalho livre do Brasil.** São Paulo: UNESP, 2004.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Distance education: a systems view.** Boston: Wadsworth Publishing, 1996.

PILETTI, Nelson. **A história da educação no Brasil.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação.** Ed. DP&A, 2000.